

O acervo Luiz de Castro Faria como uma narrativa documental do campo antropológico

Heloise Maria Bertol Domingues, Ana Amélia Canez Xavier, Alfredo Wagner Berno de Almeida e Anamaria de Souza Fagundes

O antropólogo Luiz de Castro Faria faleceu em 2004, aos 91 anos de idade, tendo exercido por mais de 60 anos atividades científicas, administrativas e de ensino da antropologia, no Museu Nacional da UFRJ e na Universidade Federal Fluminense, em Niterói. Ele reuniu um acervo com quase 20 mil documentos, que guardam articuladas as trajetórias do antropólogo e da antropologia brasileira. Esses documentos foram doados em 2000 para o Arquivo do Museu de Astronomia, um lugar de história da ciência. Em fins de 2003 o projeto de organização do arquivo recebeu financiamento do CNPq, no Edital de Preservação da Memória Científica e está em andamento.

O processo de organização, no entanto, iniciou-se bem antes, sob orientação do próprio autor. Seguidas reuniões em sua casa em Niterói com o Conselho Curador – que ele nomeou ao doar –, mostraram como foi organizada e armazenada a documentação, bem como, as formas de incursão no arquivo, através de um fichário que o acompanhou durante os muitos anos em que ele manteve o acervo em uso¹. Essas reuniões deixaram claro, por um lado, que aquela documentação tinha uma ordem, prévia à doação e, por outro, que a organização do acervo ao deixar a sua casa não significaria uma ruptura com aquela que fora iniciada por ele.

Na verdade, o trabalho classificatório seguido à doação representa uma descrição continuada da autodescrição feita anteriormente por Castro Faria. É, nesse sentido, uma versão autorizada da ‘autoclassificação’ de sua própria trajetória intelectual refletida na documentação². Mais do que uma classificação o trabalho em vias de realização é entendido como uma descrição sobre a autoclassificação, que ele não lembrava quando começou, mas, sua esposa diz ter sido ao final dos anos 50.

Embora a classificação documental ainda não esteja finalizada, é possível inferir algumas das suas características mais fortes, isto é, acima de tudo, denota o cientista

rigoroso que ele foi, o professor meticoloso, ciente do alcance do que dizia. Ao mesmo tempo, descortina as resignificações temporais do campo científico, interior do qual ele lutou incessantemente para ver instituído como uma ciência social, não natural, porém, não exclusivas uma à outra. A sua primeira classificação no campo, enquanto antropólogo, foi numa linha que se chamava *antropologia ecológica*³. Os documentos coligidos denotam as tensões vividas na estruturação do campo e diante das diferentes dominâncias temáticas que marcaram o século XX da antropologia brasileira.

O acervo arquivístico

O que Castro Faria guardou e que permite fazer afirmações tão fortes sobre o cientista ou sobre o campo da antropologia? Castro Faria, reuniu como sua produção intelectual, não o que se classifica comumente nos arquivos como documento ‘pessoal’, pois ali não se encontra documentos que remetam à sua vida familiar, ou social, apenas o que diz respeito à sua vida como antropólogo, nas associações científicas, em congressos, nos cargos de administração ou como professor nos cursos de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ, e na Universidade Federal Fluminense, onde deu aulas por muitos anos no Departamento de História e no de Ciências Sociais, e onde na década de 1990, depois de aposentado e Professor Emérito, voltou para inaugurar o Curso de Pós-Graduação em Antropologia e Ciência Política.

Alguém que classifique esse acervo pelo tipo de documento apresentado: anotações; artigos; cadernetas de campo; mapas e croquis, fotografias; correspondências; programas de curso; documentação administrativa; fichamentos ou referências bibliográficas, relatórios de pesquisa, marcando as temáticas, a sua geografia, as datas, certamente não poderia perceber o que representa cada maço de documentos encontrado nesse arquivo, muito menos sua singularidade. A originalidade do arquivo Castro Faria está no conteúdo do material mas, principalmente, está na maneira como os documentos foram reunidos.

Muitas vezes encontra-se documentos repetidos no arquivo, porém, em cada conjunto ele joga um papel diferente. Uma das características desse acervo é a sua divisão por maços. Um texto pode aparecer num maço com a finalidade para a qual foi produzido, por exemplo, um relatório ou um artigo, mas, o mesmo pode aparecer noutra maço como bibliografia de apoio a um curso, por exemplo. Assim, uma caixa, e são 59 caixas-box, pode conter até 20 maços. Outra terá apenas três ou quatro, dependendo do assunto a que se refere. O fato de haver duplicatas em maços diferentes, coloca um problema para o classificador, preocupado, justamente, em eliminar “duplicatas”. Nesse arquivo, se uma duplicata for excluída, a ordem começa a perder o sentido e ele começará a sofrer mutilações⁴.

Ao se abrir os maços a surpresa com o conteúdo se renova a cada um deles. Cada caixa e cada maço narra os passos da atividade do antropólogo que foi Castro Faria. Para ele, um antropólogo coroava a sua formação com o trabalho de campo, coisa que ele repetiu sempre em suas aulas, e o fez sem medir esforços, guardando cada passo de cada um desses trabalhos. Começou em 1938, acompanhando Levi-Strauss à Serra do Norte⁵. Seguiram-se a esse muitos trabalhos de campo realizados em diferentes lugares. O material produzido a cada um deles foi agrupado com cuidado. Dessa documentação salta aos olhos, de quem o olha pela primeira vez, a quantidade de material produzido sobre cada pesquisa individualmente. Além das notas de observação, dos diários de campo, dos relatórios, nas suas várias versões, dos artigos, em rascunho, na sua forma final, ou já publicados, ou da correspondência, encontram-se agrupados os instrumentos produzidos para a análise da observação: desenhos (de objetos, de habitações, de vestimentas, de ornamentos), mapas, estatísticas, planos, quadros analíticos e, principalmente, fotografias. Essas se contam aos milhares e será preciso um projeto especial para organizá-las como merecem.

Em uma de suas entrevistas, de 1997, ele chamou a atenção para a importância dos critérios etnográficos de classificação. Segundo ele, o etnógrafo vai a campo com a idéia de

uma problemática, que precede o registro. Neste sentido o olhar do etnógrafo é diferente do olhar de um fotógrafo. As fotografias eram classificadas por ele, segundo o que ela representava, por exemplo, a flora, a fauna, tipos masculinos, femininos, crianças... , não havia ordem cronológica na classificação etnográfica, para ele. Salientou na mesma entrevista que a classificação obedecia o Sistema Internacional de classificação de dados etnográficos⁶. O material produzido para analisar os dados observados tem um peso relativo bastante representativo no arquivo Castro Faria.

Segundo Bourdieu, depois que ele descobriu o “Guide pratique d'étude directe des comportements culturels” de Marcel Maget, ele compreendeu o prazer de objetivar enquanto ensinava. Na sua interpretação Maget ensinava um antídoto ao estruturalismo, aplicando um hiperempirismo objetivado e isso ele fazia mostrando a importância dos instrumentos de conversão do olhar do observador: mapas, planos, quadros estatísticos, fotografias⁷. Castro Faria, quando foi para a França em 1950, trabalhou com Marcel Maget, com quem se identificou e também foi presenteado com o mesmo livro. Tal coincidência não parece fortuita.

Castro Faria, quando foi para a França, já havia feito muitos dos seus trabalhos de campo e aqueles instrumentos representativos da objetivação do olhar do etnólogo faziam parte da sua bagagem desde o ‘batismo de fogo’, dentre os quais destacam-se as fotografias, que são acompanhadas de desenhos, croquis, mapas, análises estatísticas – como o quadro que fez posteriormente àquela primeira viagem, comparando os dias que passaram viajando pelos caminhos com os dias que ficaram entre os índios, para afirmar, em conformidade com o que dizia Malinowski sobre a validade de um trabalho de campo relativamente à sua duração, que aquela viagem não podia ser considerada produtiva, pois haviam ficado tempo insuficiente entre os índios.

O arquivo Castro Faria constitui uma autodescrição, mas não pode ser confundido a uma autobiografia. Porquanto, ele ignorou, sem reticências a sua biografia pessoal – a família apareceu, em algumas fotografias do arquivo que retratam cerimônias oficiais, como

foi sua posse na direção do Museu Nacional, em 1964 –, a *sua narrativa* tanto foi construída pelo caminho de sua produção intelectual quanto pelo de sua vida intelectual. E essa foi intensa e sem tréguas por mais de 60 anos de atividades.

Destacam-se ainda os documentos que marcaram a sua vida intelectual, sua posição no campo científico, construída numa rede de relações que se afirmou entre os pares, no meio acadêmico, nos muitos cargos de administração que exerceu – como chefe de Departamento, Diretor do Museu Nacional, Sub-Reitor, Conselheiro – e, ao lado dos seus alunos, nos cursos, nos congressos ou em mesas de bar. A evidência dessa afirmação encontra-se num dos documentos guardados: uma toalha de mesa de bar, de papel, onde está desenhado um mapa da região de Lagoa Feia, Estado do Rio, representando a cultura local e onde se lê as assinaturas dos alunos com quem ele estava discutindo naquele momento os dados da pesquisa.

O conjunto dos documentos está agrupado em duas séries, que ele denominou de documentos antigos (25 caixas) e documentos recentes (34 caixas), e, se não obedecem a uma ordem cronológica, obedecem a ordem de sua trajetória: as pesquisas de campo, os trabalhos dos alunos, as atividades administrativas, no Museu Nacional, na UFF, na ABA- Associação Brasileira de Antropologia, os programas dos seus renomados cursos, formadores de um grande número de antropólogos, e a volumosa correspondência.

O acervo se completa pelas marcas de sua consagração como antropólogo – as medalhas que recebeu de honra ao mérito científico, do Governo do Estado e do Presidente da República, e placas de prata de homenagens, que se encontram em poder da família – e pela biblioteca particular, composta de mais de 4000 livros e folhetos. A biblioteca constitui parte significativa da sua obra. Foi construída e reconstruída ao longo de sua trajetória e em função dela, tal como o acervo arquivístico. Ambos se complementam. Esse acervo bibliográfico está em processo de aquisição pelo Museu Nacional da UFRJ e, assim como o conjunto arquivístico, o Conselho Curador vem cuidando para manter a sua unidade. Todo esse conjunto classificado deverá integrar um banco de dados, tornando-se de fato um

patrimônio público.

A experiência da classificação

Considerar o acervo de documentos pessoais como uma narrativa construída, não qualifica o arquivo de Luiz de Castro Faria como um mero legado autobiográfico, tampouco a classificação que segue à *autodescrição* trabalha na intenção de formar um arquivo que reproduza uma biografia. A intenção de classificação do acervo Castro Faria visa uma objetivação de uma subjetivação objetivada, ou, conforme se define aqui, uma *metanarrativa*. Por que um autor se preocupa em selecionar determinados materiais e estruturá-los numa ordem própria? Quais os seus critérios para classificá-los? Que escolhas ele manifesta? Quais seus traços latentes? Este conjunto de questões fez parte das inquietações que vem rondando os primeiros passos da equipe de organização do acervo de Luiz de Castro Faria.

Essa metanarrativa não é apenas uma mera disposição metodológica e sistemática dos documentos. Ela é composta por um conjunto de ações decorrentes do processo de doação: a decisão de doar, a imposição de condições, a escolha de seus porta-vozes, as reuniões para que fosse transmitida a lógica de ordenação, o levantamento exploratório dos materiais, os relatórios elaborados pelos seus Curadores, a elaboração metodológica para a classificação.

Porém, a forma de organização, sendo uma expressão subjetiva, ainda que objetivada, torna-se difícil captá-la, daí ter-se estabelecido estratégias de classificação que operassem o menos possível com a arbitrariedade sobre o arquivo.

Tendo como princípio que a ordem documental não podia ser alterada sob pena de se perder a história dessa documentação e a sua narrativa, optou-se por iniciar a classificação analítica, fichando documento a documento. As fichas dão conta dos detalhes de cada documento, tais como a sua tipologia; o assunto a que estes se referem; aos agentes e às agências implicados na ação; a data, o lugar e a instituição; bem como as condições de ordem técnica da documentação: como o seu estado de conservação; o

número de folhas; o tipo de papel (se for timbrado, por exemplo) e a condição de feitura do documento (manuscrito, datilografado, impresso, etc).

Outra atitude tomada em relação à ordem física do material de cada caixa foi a de separar fisicamente o material fotográfico do restante – documentação em papel -, por serem de natureza diferente. Essa medida teve como objetivo preservar o estado de conservação de um e de outro e, ao mesmo tempo, facilitar o acesso ao material fotográfico. Com este intento foi elaborada uma ficha que se denominou ficha-matriz, que na ordem da indexação documental reproduz o lugar de um dado grupo de fotografias na caixa, isto é, a ordem em que se encontrava originalmente.

Nesse processo de construção da *metanarrativa*, antecipam-se à tarefa de fichamento: a indexação dos documentos segundo a ordem prévia estabelecida pelo doador, bem como a feitura de uma listagem dos maços e de uma listagem de documentos de cada caixa. Realizado o trabalho de fichamento, pouco a pouco foram sendo elaborados outros produtos representativos do que denominou-se *metanarrativa* de cada caixa, e que até o momento são: índices onomásticos, sumários temáticos das caixas; índices de listagem das fotografias e das correspondências. Destas últimas foram feitas tabelas que correlacionam o nome dos agentes das correspondências ao ano em que foram enviadas.

Porque entender essa perspectiva como uma *metanarrativa*? Partiu-se da premissa que esse conjunto de documentos narra a trajetória de um personagem caro à antropologia e marca um processo. O conjunto de materiais selecionados ao longo dos seus 60 anos de produção na antropologia auxilia a compreender a tecelagem de suas redes sociais, sua posição entre os pares, como também motiva a pensar sobre o processo que marcou a reconstituição do campo antropológico no Brasil a partir de sua institucionalização nas universidades e da criação das pós-graduações. O que se tem procurado fazer é criar instrumentos para ir além da narrativa do autor, que permitirão não somente perceber o conteúdo de cada documento, mas a conjuntura que o circunscreve, além de lhe permitir o acesso. A forma como ele os apresentou, a maneira como os classificou, as sutilezas que

procurou demarcar, ou seja, o bem simbólico da *narrativa* é o que chama a atenção e o que se vem procurando retrair nessa *metanarrativa*.

No exercício de organização do *Arquivo Castro Faria*, contribui a equipe que assina esse trabalho, formada por profissionais específicos do campo da história da ciência e da antropologia, sem experiência prévia nas técnicas e normas consagradas pela arquivologia.

¹ O Conselho Curador do arquivo Castro Faria é composto por Moacir Palmeira, Alfredo Wagner B. de Almeida e Heloisa M. Bertol Domingues.

² ALMEIDA, Afredo W. B. de, Relatório, Março, 2003.

³ CASTRO FARIA, L. de, Projeto apresentado à Unesco, Programa de Assistência Técnica. 1952.

⁴ HEYMANN, L. Q., Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. Revista Estudos Históricos, Vol. 10, n.19(1997) 41-66. A autora chama a atenção para o importância da manutenção da ordem dada pelo autor à documentação, mostrando que são dois princípios caros à arquivísticas de organização de documentos privados, pessoais: o princípio da proveniência sob o ponto de vista externo e o princípio de respeito à ordem original.

⁵ CASTRO FARIA, L. de, Um outro olhar. Diário da Expedição à Serra do Norte. 1938. Rio, ed. Ouro Sobre Azul, 2001.

⁶ Acervo MAST.

⁷ BOURDIEU, P., Esquisses pour une auto-analyse. Paris, Ed. Raisons d'agir, 2004.